



© William Roberto Cereja
Thereza Cochar Magalhães

Copyright desta edição:

SARAIVA S.A. LIVREIROS EDITORES. São Paulo, 1999.

Av. Marquês de São Vicente, 1697

01139-904 — São Paulo — SP

Todos os direitos reservados.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cereja, William Roberto

Português : linguagens : literatura, produção de texto e gramática. volume I / William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. — 3. ed. rev. e ampl. — São Paulo : Atual, 1999. — (Português : linguagens)

Suplementado por manual do professor.

Bibliografia.

ISBN 85-7056-992-0

1. Linguagem e línguas (Ensino médio) 2. Literatura (Ensino médio)
3. Português (Ensino médio) 4. Português (Ensino médio) — Gramática
5. Textos (Ensino médio) I. Magalhães, Thereza Cochar. II. Título. III. Série.

99-1902

CDD-469.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Línguas e linguagem : Ensino médio 469.07
2. Português : Ensino médio 469.07

Português: linguagens

Gerente editorial: Wilson Roberto Gambeta

Editor: Noé Ribeiro

Assessora editorial: Jacqueline F. de Barros

Coordenadora de preparação de texto: Maria Cecília F. Vannucchi

Preparadora de texto: Célia Tavares

Revisão de texto: Pedro Cunha Jr. (coord.)

Lúcia Leal Ferreira/Elza Maria Gasparotto/

Valéria Franco Jacintho

Gerente de arte: Edilson Félix Monteiro

Editor de arte: Celson Scotton

Chefe de arte: Renata Susana Rechberger

Editoração eletrônica: Silvia Regina E. Almeida (coord.)

Colaboradores

Projeto gráfico: Thaís de Bruyn Ferraz

Projeto de capa: ZIP Photo Design & Comunicação

Composição e diagramação: Casa Paulistana de Comunicação

NOS PEDIDOS TELEGRÁFICOS BASTA CITAR O CÓDIGO: ADSP 9081 A

Apresentação

Prezado estudante:

No mundo em que vivemos, a linguagem perpassa cada uma de nossas atividades, individuais e coletivas. Verbais, não verbais ou transverbais, as linguagens se cruzam, se completam e se modificam incessantemente, acompanhando o movimento de transformação do ser humano e suas formas de organização social.

A invenção e a popularização do cinema, do rádio e da tevê nos conduziram à era da informação que hoje vivemos e que, em virtude dos avanços da informática, tem como marca principal a aproximação entre os vários povos e nações, propiciada pela rede internacional de computadores, a Internet.

Nesse mundo em movimento e em transformação, os estudos de linguagem ou de linguagens tornam-se cada vez mais importantes. É por meio das linguagens que interagimos com outras pessoas, próximas ou distantes, informando ou informando-nos, esclarecendo ou defendendo nossos pontos de vista, alterando a opinião de nossos interlocutores ou sendo modificados pela opinião deles. É pela linguagem que é expressa toda forma de opinião, de informação e de ideologia.

Também é por meio da linguagem ou das linguagens que o homem tem se expressado, no transcorrer da História, registrando o resultado de suas idéias, emoções e inquietações em livros científicos ou filosóficos, nas artes plásticas, na música, na literatura — enfim, nas obras que constituem o rico acervo científico-cultural que temos hoje à nossa disposição.

Esta obra, *Português: linguagens*, pretende ajudá-lo na desafiante tarefa de resgatar a cultura em língua portuguesa, nos seus aspectos artísticos, históricos e sociais, e, ao mesmo tempo, cruzá-la com o mundo contemporâneo em que vivemos, buscando relações e contrastes com as diferentes linguagens em circulação: o cinema, a música, o teatro, a pintura, a tevê, o quadrinho, o cartum, a informática, etc.

Pretende também dar-lhe suporte para a leitura de textos não verbais, como a pintura e a fotografia, assim como para a leitura e a produção de textos verbais de diferentes gêneros, como o narrativo, o poético, o publicitário, o jornalístico, o científico, o argumentativo, etc.

Além disso, tem em vista ajudá-lo a compreender o funcionamento e a fazer o melhor uso possível da língua portuguesa, em suas múltiplas variedades, regionais e sociais, e nas diferentes situações de interação social.

Enfim, este livro foi feito para você, jovem sintonizado com a realidade do novo milênio que, dinâmico e interessado, deseja, por meio das linguagens, descobrir, criar, relacionar, pesquisar, transformar... viver intensa e plenamente.

Um abraço,

Os Autores.



O êxtase de Santa Teresa (1645-52), de Bernini.

Barroco: a arte da indisciplina

O Barroco — a arte do século XVII — registra um momento de crise espiritual na cultura ocidental. O homem desse período divide-se entre duas mentalidades, entre duas formas de ver o mundo: de um lado o paganismo e o sensualismo do Renascimento, em declínio; de outro, a forte onda de religiosidade que faz lembrar o teocentrismo medieval.

Ano de 1517: a Reforma divide a Igreja entre católicos e protestantes; 1540: é fundada a Companhia de Jesus, ordem religiosa que envia missionários a vários continentes; 1563: a Igreja dá início ao movimento da Contra-Reforma, tentando impedir a expansão protestante.

Como se nota por esses eventos do século XVI, o Renascimento europeu desenvolve-se em meio a crises religiosas e movimentos de restauração da fé cristã. A presença religiosa na vida cotidiana e na vida cultural européia, contudo, é sentida de modo mais contundente na passagem do século XVI para o século XVII, momento em que surge o Barroco.

Assim, a arte barroca, que vigora durante todo o século XVII e chega às primeiras décadas do século XVIII, registra o espírito contraditório de uma época que se divide entre as influências do Renascimento — o materialismo, o paganismo e o sensualismo — e da onda de religiosidade trazida sobretudo pela Contra-Reforma.

Como resultado dessas influências, a arte barroca é a expressão das contradições e do conflito espiritual do homem da época. Certos princípios artísticos do Renascimento, como equilíbrio, harmonia e racionalismo, foram então abandonados, o que levou o Barroco a ser visto, durante longo tempo, como uma arte indisciplinada.

ERA MEDIEVAL	
1ª época (séc. XII - XIV)	2ª época (séc. XV - XVI)

ERA CLÁSSICA		
Classicismo (séc. XVI)	Barroco (séc. XVII)	Arcadismo (séc. XVIII)

OUTROS NOMES DO BARROCO

- **Marinismo:** na Itália, por influência do poeta Giambattista Marini.
- **Gongorismo:** na Espanha, por influência do poeta Luís de Gôngora y Argote. Nesse país, Barroco e gongorismo são palavras sinônimas.
- **Preciosismo:** na França, em razão do requinte formal dos poemas.
- **Eufuismo:** na Inglaterra, termo criado a partir do título do romance *Euphues, or the anatomy of wit*, do escritor John Lyly.

A linguagem barroca

A linguagem barroca é a expressão das idéias e dos sentimentos do artista do século XVII. Seus temas e sua construção combinam-se para expressar a concepção barroca do mundo.

LEITURA

A seguir, você vai fazer a leitura de três textos: dois verbais e um visual. O primeiro é um poema de Gregório de Matos, o principal poeta barroco brasileiro; o segundo é uma escultura de Aleijadinho, o principal artista plástico do Barroco brasileiro; o terceiro é parte de um sermão do padre Antônio Vieira, grande orador português que viveu no Brasil no século XVII. Após a leitura, responda às questões propostas.

Texto 1

Buscando a Cristo

A vós correndo vou, braços sagrados,
Nessa cruz sacrossanta descobertos,
Que, para receber-me, estais abertos,
E, por não castigar-me, estais cravados.

A vós, divinos olhos, eclipsados
De tanto sangue e lágrimas abertos,
Pois para perdoar-me, estais despertos,
E, por não condenar-me, estais fechados.

A vós, pregados pés, por não deixar-me,
A vós, sangue vertido, para ungir-me,
A vós, cabeça baixa, pra chamar-me.

A vós, lado patente, quero unir-me,
A vós, cravos preciosos, quero atar-me,
Para ficar unido, atado e firme.

(In: Antonio Candido e J. A. Castello. *Presença da literatura brasileira*. São Paulo: Difel, 1976. v. 1, p. 60-1.)

sacrossanto: sagrado e santo.
eclipsados: semi-abertos.
ungir: untar com óleo.
patente: aberto, franqueado.

Texto II



Felipe Goffman/Reflexo

Detalhe do *Caminho para o calvário* (1796-9), um dos *Passos da Paixão*, esculturas de Aleijadinho que se encontram em Congonhas do Campo, Minas Gerais.

Texto III

Neste fragmento, Vieira procura persuadir seus ouvintes a não se envolverem com idéias de reforma religiosa (o protestantismo). Para isso, toma como exemplo a persistência religiosa dos mártires da Igreja Católica.

A uns mártires penduravam pelos cabelos, ou por um pé, ou por ambos, ou pelos dedos, polegares, e assim no ar, despidos, batiam e martelavam com tal força e continuação, os cruéis e robustos algozes, que ao princípio açoitavam os corpos, depois desfiavam as mesmas chagas, ou uma só chaga até que não tinha já que açoitar nem ferir. A outros estirados e desconjuntados no ecúleo, ou estendidos na catasta aravam ou cardavam os membros com pentes e garfos de ferro, a que propriamente chamavam escorpiões, ou metidos debaixo de grandes pedras de moinho, lhes espremiavam como em lagar o sangue, e lhes moíam e imprensavam os ossos, até ficarem uma pasta confusa, sem figura, nem semelhança do que dantes eram. A outros cobriam todos de pez, resina e enxofre, e ateando-lhes o fogo, os faziam arder em pé como tochas ou luminárias, nas festas dos ídolos, esforçando-os para este suplício como lhes dar a beber chumbo derretido.

(In: Antônio Dimas, org. *Gregório de Matos*. São Paulo: Abril Educação, 1981. p. 97.)

algozes: carrascos.
açoitar: chicotear.
desfiar: desfazer em fios.
chagas: feridas.
ecúleo: instrumento de tortura.
catasta: cadafalso (em forma de leito), feito de grades, em que se torturavam os mártires.
arar: sulcar, lavar.
cardar: pentear.
lagar: tanque onde se espremiam frutos, a fim de torná-los líquidos.
pez: breu, piche.

- 1 Tanto os textos literários quanto a escultura de Aleijadinho apresentam semelhança quanto ao tema, evidenciando interesse por determinado assunto. Qual é esse assunto?
- 2 O homem barroco sente-se espiritualmente em conflito, dividido entre a carne e o espírito, entre o pecado e o perdão, entre a razão e a sensação. Desse conflito, resulta freqüentemente um sentimento de culpa. No texto I:

- a) Como pode ser compreendido o desejo do eu lírico de se unir ao corpo torturado de Cristo?
- b) Nesse texto, o eu lírico manifesta ter um sentimento de culpa? Justifique com dados do texto.

- 3 A expressividade da obra de Aleijadinho reside principalmente em duas partes do conjunto: o rosto (sobretudo o olhar) e as mãos. Observe esses elementos. Que sentimentos ou sensações traduzem:

- a) a mão sobre a cruz e os dedos crispados de Cristo?
- b) o olhar distante e perplexo de Cristo?

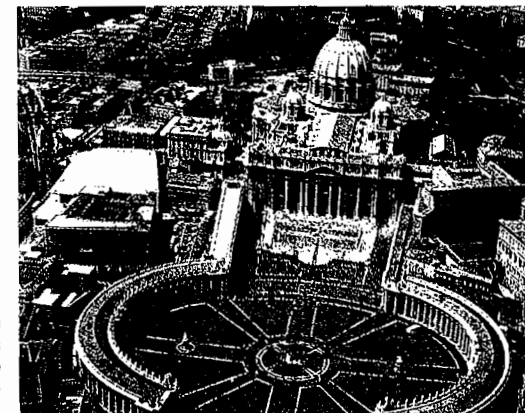
- 4 A linguagem barroca geralmente busca transmitir estados de conflito espiritual. Por isso faz uso de certas figuras de linguagem, de sugestões de cor e som e de imagens fortes, violentas, com a finalidade de traduzir o sentido trágico da vida.

- a) Destaque do texto I um exemplo de *antítese*.
- b) Outra figura de linguagem freqüentemente empregada nos textos barrocos é a *inversão*, isto é, uma construção que inverte a ordem natural da oração (sujeito + verbo + objetos + adjuntos), com a finalidade de enfatizar certas palavras ou expressões. Identifique no texto I alguns exemplos de inversão.
- c) Explique o uso constante da *metonímia* no texto I.
- d) Destaque do texto III exemplos de sugestões sonoras e de imagens fortes, violentas.

- 5 Nos textos barrocos, é comum a presença da *morbidez* (isto é, um estado de enfraquecimento doentio) como meio de exprimir a fragilidade e o grotesco da condição humana.

- a) De que forma é trabalhada a morbidez nos textos I e II?
- b) É no texto III?
- c) O texto III é parte de um sermão; logo, sua finalidade é convencer os ouvintes a manterem-se fiéis, no caso ao catolicismo. Com base nesse dado, responda: por que a exploração da morbidez serve como argumento a Vieira?

- 6 A arte barroca desenvolveu-se em meio a um público aristocrático, formado pela nobreza e pelo alto clero. Por essa razão, ela apresenta certo refinamento, que geralmente a distancia do público inculto. Destaque dos textos I ou III exemplos de palavras ou construções próprias da língua culta.



Piazza de São Pedro (1656-67), obra de Gian Lorenzo Bernini, no Vaticano (Roma), uma das principais manifestações da arquitetura e do urbanismo barrocos. Os braços da praça simbolizam a Igreja, que abriga e abraça os fiéis.

CUIDADO COM AS GENERALIZAÇÕES!

Nem todo texto construído a partir de antíteses é barroco. Esse recurso de estilo pode ser utilizado em qualquer época e texto. A letra da música *Queres*, de Caetano Veloso, por exemplo, é toda construída a partir de oposições de idéias, e nem por isso é um texto barroco. Veja:

Onde queres o ato eu sou espírito
E onde queres ternura eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde queres prazer sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido sou herói

Como se observa, não há conflito espiritual no interior do eu lírico. A oposição ocorre apenas entre o modo de ser do eu lírico e o da pessoa amada.

O CARPE DIEM NA LITERATURA

O tema do *carpe diem* não é exclusivo do Barroco. Na verdade, toda a literatura de orientação clássica faz uso do *carpe diem* (lema que significa "colhe o dia", "aproveita o dia"). O tema normalmente configura-se como um convite amoroso às mulheres "difíceis", ressaltando o fato de que a beleza e a vida são perecíveis e, por isso, é preciso aproveitar enquanto há tempo.

O filme *Sociedade dos poetas mortos* trata brilhantemente o assunto, quando o professor de literatura, representado pelo ator Robin Williams, pergunta a seus alunos: "Estão vendo todos estes alunos das fotos, que parecem fortes, eternos? Estão todos mortos. *Carpe diem*..."



Cartaz do filme *Sociedade dos poetas mortos*.

Características da linguagem barroca

Ao estudar os textos você observou algumas características essenciais da linguagem barroca, como o *interesse por temas religiosos*, os *dualismos* que refletem o *conflito espiritual* do homem barroco, a *morbidez* como forma de acentuar o sentido trágico da vida, o emprego constante de *figuras de linguagem*, o uso de uma *linguagem requintada*. Além dessas características, há outras que merecem destaque:

- **a efemeridade do tempo e o *carpe diem***: o homem barroco tem consciência de que a vida terrena é efêmera, passageira, e, por isso, é preciso pensar na salvação espiritual. Mas, já que a vida é passageira, sente, ao mesmo tempo, desejo de gozá-la antes que acabe, o que resulta num sentimento contraditório, já que gozar a vida implica pecar, e, se há pecado, não há salvação.
- **cultismo**: é o rebuscamento formal, caracterizado pelo jogo de palavras e pelo excessivo emprego de figuras de linguagem. Também conhecido como *gongorismo*, pela influência do estilo do poeta espanhol Luís de Góngora, o cultismo explora efeitos sensoriais, tais como cor, tom, forma, volume, sonoridade, imagens violentas e fantasiosas, recursos que sugerem, enfim, a superação dos limites da realidade.
- **conceptismo**: (do espanhol *concepto*, "idéia") é o jogo de idéias, constituído pelas sutilezas do raciocínio e do pensamento lógico, por analogias, etc. Embora seja mais comum o cultismo manifestar-se na poesia e o conceptismo na prosa, é perfeitamente normal aparecerem ambos em um mesmo texto.

- **jogo de claro/escuro**: embora esse aspecto seja mais visível nas artes plásticas (observe a reprodução do quadro de abertura da unidade), o Barroco aprecia fundir a luz à sombra, o que traduz o conflito resultante do desejo de fundir a fé à razão ou a razão à emoção/sensação.

O quadro *As meninas* (1656), de Velázquez, além de empregar a técnica barroca do claro/escuro, contrapõe a grosseria dos traços da anã Mari-Bárbola (à direita, de vestido escuro) à delicadeza da infanta Margarita (no centro, de vestido claro).

Com base no que foi estudado, veja, a seguir, de forma esquemática, o quadro comparativo das principais características da linguagem barroca e da linguagem clássico-renascentista:

BARROCO	
Quanto ao conteúdo	
• Conflito entre visão antropocêntrica e teocêntrica	• Antropocentrismo
• Oposição entre mundo material e mundo espiritual	• Equilíbrio
• Conflito entre fé e razão	• Racionalismo
• Cristianismo	• Paganismo
• Morbidez	• Influência da cultura greco-latina
• Idealização amorosa; sensualismo e sentimento de culpa cristão	• Idealização amorosa, neoplatonismo
• Consciência da efemeridade do tempo	• Universalismo
• Gosto por raciocínios complexos, intrincados, desenvolvidos em parábolas e narrativas bíblicas	• Busca de clareza
• <i>Carpe diem</i>	
Quanto à forma	
• Gosto pelo soneto	• Gosto pelo soneto
• Emprego da medida nova (poesia)	• Emprego da medida nova (poesia)
• Gosto pelas inversões e por construções complexas e raras	• Busca do equilíbrio formal

Do texto ao contexto histórico

No século XVI, o homem europeu ampliou os limites geográficos do mundo conhecido, acreditou em sua capacidade de dominar e transformar a natureza por meio da razão, empenhou-se na descoberta de novos conhecimentos científicos e resgatou a cultura clássica, tomando-a como modelo.

Essa euforia antropocêntrica, contudo, sofreu fortes abalos no século XVII, o século barroco, em virtude de alterações no quadro econômico, social, político e religioso.



Feira de Antuérpia, na Holanda. O comércio permitiu à burguesia uma ascensão social não comportada pela rígida estrutura de classes dos séculos XVI-XVII.

Economia, política e sociedade

Do ponto de vista econômico, vivia-se a revolução comercial, cuja política econômica, o mercantilismo, se baseava no metalismo, na balança de comércio favorável e no acúmulo de capitais. A burguesia despontava nesse contexto como classe de forte poder econômico.

Porém, se a política econômica mostrava-se aberta e favorecia a ascensão de setores populares, como a burguesia, o mesmo não ocorria com a estrutura social e com a estrutura política.

Ao mesmo tempo, o Barroco português ganhou fortes matizes religiosos, por influência da Contra-Reforma, que teve ampla penetração nos países ibéricos. A atuação da Companhia de Jesus e do tribunal de Inquisição, instaurado em Portugal em meados do século XVI, completam o quadro cultural lusitano desse período, marcado pela religiosidade e pela austeridade.

Apesar de contar com um grande número de escritores e com gêneros variados, são poucos os autores barrocos portugueses pelos quais se interessa o leitor moderno, principalmente brasileiro.

A produção do período pode ser assim organizada:

- **sermões, cartas, prosa religiosa e moralística:** Pe. Antônio Vieira, Pe. Manuel Bernardes, Francisco Manuel de Melo, sóror Maria Alcoforado;
- **poesia, novela:** Francisco Manuel de Melo;
- **teatro:** Antônio José da Silva e Francisco Manuel de Melo.

Pe. Antônio Vieira: a literatura como missão

Antônio Vieira (1608-1697) é a principal expressão do Barroco em Portugal. Sua obra pertence tanto à literatura portuguesa quanto à brasileira.

Português de origem, Vieira tinha 7 anos quando veio com a família para o Brasil. Na Bahia estudou com os jesuítas e espontaneamente ingressou na ordem da Companhia de Jesus, iniciando seu noviciado com apenas 15 anos. A maior parte de sua obra foi escrita no Brasil e está relacionada com as inúmeras atividades que o autor desempenhou como religioso, como conselheiro de D. João IV, rei de Portugal, ou como mediador e representante de Portugal em relações econômicas e políticas com outros países.

VIEIRA EM CD

Um ano especial para a literatura portuguesa foi 1998. Além da realização da Expo-98, que comemorou os 500 anos da viagem de Vasco da Gama, narrada por Camões em *Os lusíadas*, nesse ano também foram comemorados os 390 anos do nascimento de Pe. Antônio Vieira. Para essa comemoração foi produzido o CD *Sermão de Santo Antônio aos peixes* (Saulos), no qual o ator português José Carlos Ary dos Santos declama o sermão em que Vieira defende os indígenas brasileiros.



Pe. Vieira, por defender o indígena, foi duramente atacado pelos colonos.



Sermões de Vieira: uma das obras mais lidas na América portuguesa do século XVIII.

O homem de ação

Embora religioso, Vieira nunca restringiu sua atuação à pregação religiosa. Sempre pôs seus sermões a serviço das causas políticas que abraçava e defendia e, por isso, se indisputou com muita gente: com os pequenos comerciantes, com os colonos que escravizavam índios e até com a Inquisição.

Valendo-se do púlpito — único meio de propagação de idéias às multidões no Nordeste brasileiro do século XVII —, Vieira pregou a índios, brancos e negros, a brasileiros, africanos e portugueses, a dominadores e dominados. Suas idéias políticas foram postas em prática por meio da catequese, da defesa do índio e da colônia, em favor de Portugal, por ocasião da invasão holandesa.



A posição elevada do púlpito na igreja permitia falar a multidões, no século XVII.

O visionário

Vieira também teve um pouco de sonhador e profeta, chegando a escrever três obras com esse conteúdo: *História do futuro*, *Esperanças de Portugal* e *Clavis prophetarum*.

Baseado em textos bíblicos e nos textos e profecias do poeta português Bandarra, Vieira acreditava na ressurreição do rei D. João IV, seu protetor, morto em 1656. Essas idéias estão em sua obra *Esperanças de Portugal*, motivo por que entre 1665 e 1667 foi processado e preso pela Inquisição, que ainda lhe casou o direito de palavra em Portugal.

Nesse processo também lhe pesaram acusações de envolvimento com cristãos-novos (judeus convertidos ao cristianismo por medo de perseguições). Em vez de atacar os judeus, como se fazia em vários países católicos por influência da Inquisição, Vieira defendia a permanência e a entrada deles em Portugal como forma de estimular o comércio naquele país. Por outro lado, prevendo um "Terceiro Estado" da Igreja, tinha interesse em fazer um acordo teológico secreto com os judeus.

O orador

As qualidades de Vieira como orador são incomparáveis. Aliando sua formação jesuítica à estética barroca em voga, pronunciou sermões que se tornaram ao mesmo tempo a expressão máxima do Barroco em prosa sacra e uma das principais expressões ideológicas e literárias da Contra-Reforma. Pregou no Brasil, em Portugal e na Itália, sempre com grande repercussão.

Entre a vasta produção do autor, que conta com mais de duzentos sermões e quinhentas cartas, destacam-se:

- 'Sermão da sexagésima': proferido na Capela Real de Lisboa em 1653, tematiza a arte de pregar.
- 'Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda': proferido na Bahia em 1640, coloca-se contrário à invasão holandesa.
- 'Sermão de Santo Antônio (aos peixes)': proferido no Maranhão em 1654, ataca a escravização de índios.
- 'Sermão do mandato': proferido na Capela Real de Lisboa em 1645, desenvolve o tema do amor místico.

VIEIRA: ODIADO POR TODOS

No romance histórico *Boca do Inferno*, de Ana Miranda, no qual Pe. Antônio Vieira é personagem, a narradora faz referência às inimizades do escritor:

Asidéias que Vieira pregava perturbavam o conforto do pensamento. O fanatismo religioso destruía filósofos, como Giordano Bruno; arcebispos, como o de Spalato; cientistas, como Marco Antonio Dominis. Até mesmo o rei Carlos I da Inglaterra foi levado ao cadafalso pela intolerância religiosa. Mas Antônio Vieira não se atemorizava com tamanho poder e enfrentava a Inquisição a ponto de Cristóvão Soares dizer que ele não morreria na Companhia de Jesus. Mais certo é que acabasse nas mãos do Santo Ofício. Vieira era, então, o homem mais odiado de Portugal. E quanto mais era odiado pela Inquisição, mais a desafiava.

sentimentos pessoais mais profundos. O Barroco no Brasil só ganhou impulso entre 1720 e 1750, quando foram fundadas várias academias literárias por todo o país. A descoberta do ouro, em Minas Gerais, possibilitou o desenvolvimento de um Barroco tardio nas artes plásticas, que resultou na construção de igrejas de estilo barroco durante todo o século XVIII.

A obra considerada tradicionalmente o marco inicial do Barroco brasileiro é *Prosopopéia* (1601), de Bento Teixeira, um poema que procura imitar *Os Lusíadas*.

Os escritores barrocos brasileiros que mais se destacaram são:

- na poesia: Gregório de Matos, Bento Teixeira, Botelho de Oliveira e Frei Itaparica;
- na prosa: Pe. Antônio Vieira, Sebastião da Rocha Pita e Nuno Marques Pereira.

Gregório de Matos: adequação e irreverência

Gregório de Matos (1633?-1696) é o maior poeta barroco brasileiro e um dos fundadores da poesia lírica e satírica em nosso país. Nasceu em Salvador, estudou no Colégio dos Jesuítas e depois em Coimbra, Portugal, onde cursou Direito, tornou-se juiz e ensaiou seus primeiros poemas satíricos. Retornando ao Brasil, em 1681, exerceu os cargos de tesoureiro-mor e de vigário-geral, porém sempre se recusou a vestir-se como clérigo. Devido às suas sátiras, foi perseguido pelo governador baiano Antônio de Souza Menezes, o Braço de Prata. Depois de se casar com Maria dos Povos e exercer a função de advogado, saiu pelo Recôncavo baiano como cantador itinerante, dedicando-se às sátiras e aos poemas erótico-irônicos, o que lhe custou alguns anos de exílio em Angola. Voltou doente ao Brasil e, impedido de entrar na Bahia, morreu em Recife.



Igreja de São Francisco, em Salvador, com frontão tipicamente barroco.

Irreverência e esquecimento

Gregório de Matos primou pela irreverência. Foi irreverente como pessoa, ao chocar os valores e a falsa moral da sociedade baiana de seu tempo, com seus comportamentos considerados indecorosos; como poeta lírico, porque seguia e, ao mesmo tempo, quebrava os modelos barrocos europeus; como poeta satírico, pois, empregando um vocabulário de baixo calão, denunciou as contradições e falsidades daquela sociedade, não se curvando ao poder das autoridades políticas e religiosas.

Talvez em razão da própria irreverência, o autor não publicou em vida uma coletânea de seus textos — o que ocasionou inúmeras dificuldades para o reconhecimento da autoria. Esse fato, aliado ao de ele ter plagiado alguns escritores famosos da época, como o espanhol Góngora, fez com que sua obra ficasse quase inteiramente desconhecida até as primeiras décadas do século XX.

Hoje, entretanto, a obra de Gregório de Matos é reconhecida como um projeto literário que, além de ter iniciado uma tradição entre nós, superou os limites do próprio Barroco. Em pleno século XVII, o poeta chegou a ser um dos precursores da poesia moderna brasileira do século XX.

GREGÓRIO E VIEIRA: DOIS CONHECIDOS

Os dois escritores viveram em Salvador durante a mesma época e se conheciam. O romance *Boca do Inferno*, de Ana Miranda, por diversas vezes trata do relacionamento entre ambos:

Em 1661, o jesuíta e o poeta haviam se reencontrado em Lisboa. Gregório de Matos acabara de se formar em cânones e casara com dona Michaela de Andrade. Vieira havia sido expulso, juntamente com outros jesuítas, do Maranhão, e estava amargurado. Gregório de Matos propusera-lhe ficar ao seu lado como assistente mas Vieira não precisava de ninguém. [...] Mesmo assim, Gregório de Matos ficou algum tempo ao lado de Vieira e este voltou seu mau humor para o poeta. [...] Acusava-o de ser conivente com a corrupção, de ter-se casado por interesse, de ser omissivo quanto à escravização dos ameríndios e na causa dos cristãos-novos contra a Inquisição.

O romance histórico de Ana Miranda, que compõe um amplo painel da vida política e cultural da Bahia no século XVII.

Boca do Inferno



um romance de Ana Miranda



A lírica

Gregório de Matos cultivou três vertentes da poesia lírica: a religiosa, a amorosa e a filosófica. Como poeta lírico, adequou-se aos temas e aos procedimentos de linguagem frequentes no Barroco europeu.

A lírica amorosa é fortemente marcada pelo dualismo amoroso carne/espírito, que leva normalmente a um sentimento de culpa no plano espiritual. A mulher, muitas vezes, é a personificação do próprio pecado, da perdição espiritual.

Observe este soneto:

Sonetos a D. Ângela de Sousa Paredes

Não vira em minha vida a formosura,
Ouvia falar nela cada dia,
E ouvida me incitava, e me movia
A querer ver tão bela arquitetura:

Ontem a vi por minha desventura
Na cara, no bom ar, na galhardia
De uma mulher, que em Anjo se mentia;
De um Sol, que se trajava em criatura:

Matem-me, disse eu, vendo abraçar-me,
Se esta a cousa não é, que encarecer-me
Sabia o mundo, e tanto exagerar-me:

Olhos meus, disse então por defender-me,
Se a beleza heis de ver para matar-me,
Antes olhos cegueis, do que eu perder-me.

desventura: má sorte.
galhardia: elegância.

(In: Antonio Candido e J. A. Castello, op. cit., p. 61.)



(Bravo, jun. 1998.)

Dois tocheiros em madeira do século XVII, duas das obras expostas em São Paulo, em 1988, na exposição *O universo mágico do Barroco brasileiro*.

Perceba que, nesse poema, a mulher — inicialmente identificada com a figura de um “anjo” (que remete à pureza angelical contida no próprio nome Ângela) e depois com uma grandeza maior, o Sol — é vista como ser superior, dotado de grandezas absolutas e inacessíveis.

Porém o que se percebe nos tercetos é que, em vez de proteger (papel que caberia ao anjo), a mulher, com sua beleza, leva ao desejo e, conseqüentemente, ao pecado. Por isso o eu lírico, num apelo dramático aos próprios olhos (centro da percepção visual e origem do desejo), pede